

# O DOMINGO

SEMANARIO LITTERARIO E RECREATIVO

Redactora e proprietaria — D. Violante Atabalipa Ximenes de Biyar e Vellasco.

As assignaturas para a Corte são de 28 por trimestre, 48 por semestre e 80 por anno. Para as províncias 53 por semestre e 103 por anno no escriptorio da redacção, rua do Príncipe dos Tâjueiros n.º 164 sobrado.

## O DOMINGO

Rio, 3 de Maio de 1874.

### O dia tres de Maio

E' hoje o dia designado pela Constituição do Império para se abrir a Assembléa geral legislativa.

Se pre que aquelles que tem de curar dos negócios da patria correm á cumprir os seus deveres, todo o coração que ama seu berço natal deve folgar e expandir-se.

E quando se tem a certeza de que da reunião dos representantes da nação muito proveito pode resultar para o paiz, maior deve ser o jubilo dos que mesmo como nós de nossa mediocridade, tem confiança no esclarecido patriotismo dos que representam este grandioso Império, que tem mais robusta fé nos seus representantes.

*O Domingo*, sandando a cada um dos dignos representantes da Nação, faz votos para que todos a uma satisfação as mais urgentes necessidades do Brasil.

### A Instrução pública

#### II

Não nos faremos cargo de combater os preconceitos que actuam no espírito dos que impugnam o ensino obrigatório.

Todas as objecções, que apresentam os sectários de Duunpanlup, podem ser vitoriosamente combatidas, do que não nos incumbiremos, não só por não podermos dispor de bastante espaço, como porque escrevendo sobre tão delicado assunto é nosso único alvo mostrar as vantagens da instrução.

Examinando-se, mesmo ligeiramente, o que se tem dito e escripto a este respeito, vê-se que na Alemanha ilustrada, na Suissa republicana, na Belgica constitucional, na Suecia, na livre União Americana, e em os países onde a idéa foi adoptada, os resultados são esplendidos.

Na Inglaterra a instrução obrigatória vai fazendo progresso.

Em Oxford e em Birmingham os conselhos de educação (*school boards*) se pronunciaram a favor da obrigatoriedade do ensino, e mundo da faculdade que lhes é concedida

pela lei da educação militar, decidiram que os meninos dos seus distritos fossem obrigados a ir a escola: decisão esta que foi saucionada por um decreto da rainha Victoria.

O ensino deve ser obrigatório e livre, quer dizer que elle não impede que os pais deem aos filhos a educação que quizerem.

O pai ensina a moral, forma o coração; o mestre esclarece a intelligencia, dá a instrução.

Eusinar e aprender são actos naturaes que imperceptivelmente se praticam; e a prova é que, quer se ensine ou não, o homem ou animal nunca fica estacionário.

E, sendo assim, obrigar-se a criança a aprender, nunca lhe será vexatório.

Ao Estado toca a preferencia da educação do seu futuro cidadão como seu futuro membro, e com o tal a: Estado cumpre obrigar a criança a estudar.

Ao Estado cumpre também protecção contra a insidiosa armada em nome da liberdade do ensino.

Aberta a concorrência do ensino, a emulação e o interesse farão o resto, com proveito da Nação, dos discípulos e dos mestres.

Nos Estados Unidos, n'aquelle grande paiz, a escola é considerada tão necessaria à vida moral e intellectual dos cidadãos, como o ar á vida phísica.

A instrução popular, pois, deve ser o programa de todos os partidos, e na America do Norte, o individuo e o Estado se congregam e descem aos abysmos humidos da miseria, levando a luz para o espírito do povo, e o povo caminha e o trabalho é o aliado do capital.

E os Estados Unidos tem produzido homens como Lincoln, o Messias americano, cuja alma voou aos céus cercada pelas bênçãos de milhares de homens, que educou, e que viram no grande cidadão o seu redemptor.

### NOTAS DE INTERESSE GERAL

No instituto agricola de Massachusetts, onde existem actualmente 144 alumnos, ha um estudante do Pará.

\*\*

Em Boston abriu-se uma subscrição para fazer um memorial a Agassiz.

Já se acha subscripta a quantia de 180 contos de reis, sua algibeira um pequeno volume de papel, desembra-lhou um bollo de strichaina, e deu-lhe. Nero comen, meneando reconhecidamente a cauda. Depois lambeu os dedos do policia, e desceu a calçada.

\* \* \*

A universidade de Aarvan recebeu uma doação de 200 contos de um individuo que prohibio que se divulgasse o seu nome.

O senador Sumner, que falleceu ha pouco tempo legou á mesma universidade, alem de sua riquissima biblioteca, 100 contos de reis.

Não ha paiz no mundo em que o povo seja tão prodigo em fornecer meios de animar a instrução publica, as letras, e as sciencias como o americano, o que prova que ha alli tambem muita fé nos melhoramentos e progresso social.

Só na cidade de Nova York existem 415 sociedades de beneficencia, alem das igrejas, cujas congregações são muitas vezes outras tantas sociedades desse genero, e muitas associações míticas e outras secretas, que tambem espalham muita caridade.

## LITTERATURA

### História de um cão

(Conclusão)

—E' tudo quanto possuo! Guarda isto para si, para os seus cigarros, para o seu café, mas deixe-me, não me desgrace!

O soldado, enternecido talvez, deu-lhe com o pé, exclamando:

—Olha si alguém te vê, que me compromettes! Raspa-te daqui!

E deu-lhe uma coronhada. Ela fugiu.

Nestas precipitações uma coasa lhe tinha esquecido: tanger a campainha, cuja haste de ferro pendia ao lado do buraco da Mizericordia.

Nero, porém, que tinha ficado no páteo ao pé da cavidade em que fôrta deposito o fardo de sua amiga, latia, ladava, uivava, arranhesava-se de encontro ao muro, raspava com as unhas na cal e continuava sempre nos uivos. Houve por fin um rumor interior, abriu-se um ferrolho, gemeram uns gonzos, ouvio-se uma voz. Depois o ferrolho foi outra vez corrido e ficou tudo em silêncio.

Ente os expostos da Sancia Casa era então recebida uma creança recente-nascida, roxa de frio, desmaiada, com a boca entre-aberta, a cabecinha pendendo como desarticulada. Notou-se que tinha voltada para fôrta a palma da mão direita: examinou-se este phänomeno: procedia de ter o braço partido. A criança, porém, viveu.

No entretanto, com o vago instincto de um dever desempenhado, Nero desceu feliz a rua larga de S. Roque, fariscando o rastro da costureira, sacudindo de quando em quando as orelhas e o seu grosso pello fulvo, estacado e suino, de que gotejava a chuva. Voltou ao Chiado.

A esquina da rua de S. Francisco estava um policia civil, atabafado no seu sobretudo, com o capuz pela cabeça sobre uma soleira, cosido com uma porta.

O policia chamou o cão. Nero deteve-se, olhando para elle por um momento. O policia tornou a chamal-o batendo com a mão no alto da pena e dizerdo-lhe:

—Toma aqui, pequeno!

Nero aproximou-se; o policia deu-lhe amigavelmente uma palmada na cabeça. Em seguida tirou do fundo da

sua algibeira um pequeno volume de papel, desembra-lhou um bollo de strichaina, e deu-lhe. Nero comen, meneando reconhecidamente a cauda. Depois lambeu os dedos do policia, e desceu a calçada.

Ao meio da rua Nova do Carmo, a chuva por um momento suspensa, desabou outra vez com uma abundância diluviana. Nero estacou de repente, abrindo desmedidamente a boca. Deu mais douz passos e cahiu. Estremeceu entao violentamente na lama, onde se espalhava a luz vacilante dos candieiros, açoitada pelo vento. O encharro grosso e torrencial que corria impetuosoamente fez-lo resvalar pelo declive da rua. Elle, estrebuchando, tentando erguer-se, luctando, foi de rojo, de encontro ao passeio. A torrente, envolvenlo-o, arrastou-o entao para a boca de uma sargeta. Ahi Nero, ainda vivo, deixou de lutar. Entendeu talvez que, tendo a sua missão cumprida, não tinha mais que viver. Devendo a vida em pequeno, a uma creança, elle mesmo acabava de salvar da morte em pequeno. Tinha a sua conta salda. Depois disto, ser envenenado pelo policia e morrer coberto pela lama das ruas no boqueirão de um esgoto, era acabar como um herói.

Assim Nero deixou de existir.

FIM

### O doente e o medico

I

Quando, cheio de tristeza, o homem se vê obrigado a reclamar o auxilio de um medico, que sórro mais fôrtil poderá exigir ou reclamar?

E como poderá o doente corresponder ao medico pelos benefícios que lhe faz, livrando-o do jugo de dores insuportaveis, inspirando-lhe as mais gratas illusões e abrindo o seu peito à fé e à esperança?

O medico identifica-se de tal maneira com o anjo das misericordias, que se esquece completamente da ingratidão que o acompanha por toda a parte, para consagrarse com uma abnegação sem limites ao allívio do que gime, prostado no leito da dor.

II

Vê-se o enfermo languido e sem alento, pede que todos lhe alarguem a mão para alcar-se do seu miserável estudo e dar-lhe vida; a todos supplica que não o abandonem com lagrimas nos olhos, e voz doce e melancólica. Sua alma está adormecida e cheia de tédio e de tristeza, e a força de tanto padecer, tem alento para pedir que sua palavra seja de espirito e de vida.

O medico, sempre que se acha à cabeceira do enfermo, vê commovido suas angustias, e levanta um grito ao SENHOR, para que lhe dê tino, e com elle possa restituir a saúde ao que padece.

Deus que tem assa morada no alto dos céos, para quem alcamos nossos olhos, e enviamos nossas supplicas, é muito amante dos que soffrem. Jesus Christo disse: «Vinde a mim, vós que chorais e soffreis, que eu vos consolarei.» E sempre que com o espirito posto em Deus soffremos e rogamos, o alento divino penetra em nossas almas, e sentimos ineffável consolação.

Bendicto seja o senhor, pois que nos dá valor em nossas tribulações, abrindo-nos as aguas do mar da esperança para dar-nos livre passagem, não permittendo que sejamos presa dos dentes raivosos da desesperação, nem que como

ave inculta percamos a liberdade, sendo victimas do insidioso caçador que lhe arma laço traiçoeiro.

## III

O medico comprehende todas as dores da vida, e está familiarizado com todas as misérias e alternativas.

Envergonhados e cobertos de infamia estão os que calamiam o medico !

Oh! como é doca e consolador fazer o bem e triste e desconsolador receber por premio o mal !

## IV

O medico penetra até aos mais profundos abyssmos da dor, e ali encontra a chave de seus conhecimentos científicos.

Se, tomado asas quiser voar ao mundo dos espíritos, chegará sem duvidas às extremidades do mar do universo e a mão do Deus será que o haverá conduzido para ali.

Aos que o caluniam servem de luz a obscuridade e o véo da noite, e por isso no meio dos seus deleites não podem compreender quanto de grande e magnifico há na sciencia do medico.

As mãos de-tes impios estão manchadas do lodo de seus vituperios e todo o mal que suas miseraveis calunias intentam fazer se revolve um dia contra elles e se aniquila vivas brasas chovem do céo sobre suas cabecas, e parecem esmagados sob o peso de suas proprias misérias.

O calumniador e o maldizente só podem ter um fim horroroso, digno castigo do seu mau proceder.

## V

O enfermo escuda sua esperança no medico. Sua voz, seus movimentos são para elle perolas que caem do céo sobre a sua fronte.

Não ha nada mais bello que a saude.

A felicidade da terra consiste em ter as nossas faculdades phisicas, moraes e intellectuaes em disposição de fazel-as girar em um círculo de accão.

Grande e sublime é a creatura que se interessa pelo que padece !

Cuidar do enfermo, dar-lhe o que necessita para mitigar suas dores é um bem supremo que não tem preço na terra, pobre mansão de um dia.

DR. LOPEZ DE LA VEGA.

## Murmurios d'alma

(FOLHA SOLTA)

Tu me disseste :

« Meu Deus, como são fingidos os poetas.

A mentira se esconde em suas palavras sedutoras, como o veneno sob o perfume de certas flores delicadas ! »

Sou poeta ?...

Ainda bem que o disseste, Maria ! Tu mediste nessa palavra a extensão e sinceridade do meu sentimento; confessaste que te amo, reconheceste que te adoro com o ardor sancto e immenso com que esses inspirados do amor amam e adoram o ideal sagrado dos seus sonhos delirantes.

Tu o disseste, sou poeta.

Esta palavra dos teus labios foi a corda, com que o anjo da poesia engrinaldou-me a fronte orgulhosa e escrava das tuas inspirações ! Sou poeta, porque minha alma ajoelha-se e adora extasiada a tua imagem palida e vaporosa, porque de meu coração trasborda o amor sancto que banha-te a fronte angelica e perfumada, porque minha

imaginação não cança de tecer flores ideias para coar-te a beleza sobrenatural.

Sou fingido ?...

Foi o ciúme que te fez atirar-me esta accusação injusta e cruel ! Ella envolvia um espinho que me viria ferir no coração, se não se transformasse no filtro magico que transportou-me ás celicas religiões da felicidade, fazendo-me conhecer que me amas, que não és insensivel como querias parecer aos olhos a aixonados, que não és má como denunciava o riso de mofa com que sempre ouvias as minhas palavras ?!

Ouve :

Foi ha poucos dias. Minha alma soffria o martyrio de um desespero inconsolável, e eu disse, ferido pelo escarnio esmagador :

« Porque amo eu ainda aquella moça ? Porque não pago com o meu odio a sua indifferença desesperadora ? porque, porque, meu coração ? »

O coração respondeu, estremecendo-me no peito :

« Porque ella deu-me vida, porque ella encheu-me de illusões !... »

E o cerebro me disse então, serenando-se como uma manhã, depois de uma noite de tormenta :

« A mulher é o insaciavel no amor ! Quanto mais é amada, mais deseja sel-o ! Maltrato muitas vezes aquelle que a adora para vel-o preso a seus pés adorando-a ainda mais, se é possivel, e satisfazendo assim a sua vaidade de rainha.

« Louco. Finge que divides por muitas o amor immenso que lhe offerecestes e vel-a-has voltar-se a ti e rasgar o véu que encobre-lhe cuidadosamente o coração fragil e sancto. »

E eu tornei-me volvel, como me pareciam ser os teus olhos vividos e feiticeiros ; e eu tornei-me doudejante nos salões, como o colibri em um jardim variado de flores.

Era una noite serena, como o palpitar doce do teu coração inocente ; risonha, como a expressão angelica do teu rosto encantador, perfumada de luar, como os teus cabellos do aroma do junquillo que tiinha nas tranças negras e assetinadas !

Tu choraste ..

Pensas que não vi ? A lagrima com que perfumaste o teu lençolinho mimoso, espalhou o seu perfume delicado até o ambiente de minha alma. Eu o senti e meu coração estremecem de felicidade !

Dous dias meus olhos chamaram-te debalde, e meu coração procurou-te gemendo de saudade. E dous dias não me appareceste !

Quando vi-te...

Foi hontem...

Tinhas de novo a indifferença no rosto, mas a tristeza empalidecia-te ainda mais a face marmorea e arrebatadora

E tu me disseste : « Meu Deus, como são fingidos os poetas ! A mentira esconde-se em suas palavras sedutoras, como o veneno sob o perfume de certas flores delicadas !

Nao vias ?

A tristeza, como um véu de morte, espalhava-se assustadora em minhas faces cadavericas ; a dor amarga de um coração magoado espalhava-se muda nos meus labios contrahidos..

Foi a tua indifferença que me fez soffrer tanto ! Foi aquella palavra..

Vê agora, Maria.

Sou alegre como um ebrio de felicidade : risonho como um sonho de ventura ; ditoso como um escolhido da fortuna ! E foste tu que me fizeste alegre, foste tu que me tornaste ditoso, pqnqne me fizeste conhecer que não é má como denunciava o riso de mofa com que sempre ouvias as minhas palavras, !

Meu Deus, como os anjos querem parecer maus !

A bondade não abandona-lhe um momento o coração inocentinho, e a cruesr adeja-lhe entretanto nos lábios puros e inoffensivos !

## POESIA

### Acrostico

#### A UMA AMIGA NOS ANNOS DE SUA FILHA

O ora-te a face mimoz'infantil,  
E smalte mais fino, que rubro coral ;  
U súcio-te ao nascer a alva gentil,  
N enguia florzinha da roza rival ;  
Z os olhos, faísca lampeja febril,  
B becca sorrisos só tem festival.

Rio Preto, 1 de Abril de 1874.

D. Honora Minerva Carneiro de Mendonça.

### A flor

Vede a mirrhada, já resequida.  
os pés a calcão com mais vil desdém  
um dia houve que senti com vida...  
o doce pollen !

Em torno d'ella, perfuma d'arôma,  
o terno amante aspirav'á custo !  
a mão humana respeitav'á coma,  
do terno arbusto !

A alva gotta, cristalin'orvalho,  
a flor mimosa, rociav'á medo !  
aqueceo-a apenas o sol de maio !  
Ind'era cedo ! . . .

Um dia...ó Ceus ! vendaval raivozo,  
pel'haste, corta a florsinha bella,  
sem comovê-lo o port'airozo  
da donzella !

Eii-a, de rojo, tapetund'o chão,  
a flor singela que brilhou un dia !  
se era bella, foi-lhe o título vao !  
va loucania !

Assim a vida, s'evae ardente,  
vago misterio, que se não exprime !  
sonho-vertigem, qu'embal'a mente  
nada sublime !

Rio Preto, Abril de 1874

D. Maria Leonilda Carneira de Mendonça.

### Charadas

Dobrada sou apelido . . . 1

Seu filha de minha filha . . . 2

De ouro, prata e vidros.

Não é nesta data,  
Fazenda da moda ;  
Designa mamata  
De tod'uma roda ! . . . 1

Já vi-os gretados  
Com bem mau odör !  
Mas ha-os rosados....  
Men Deus ! que primor ! 1

### CONCEITO

Sanludo selvagem  
Cobarde e vilão,  
Sonhando pilhagem  
Com'era raião ?..

D. Honora Minerva Carneiro de Mendonça.

Se o sei  
He qu'o vi . . . 1  
E não foi lá  
Qu'o sprendi . 1

Gentil e formosa,  
Travessa menina ;  
Mais bella que a rosa,  
Mimoso bonjua.

II.

A decifração das charadas do numero antecedente é:  
a 1º, Relampago e a 2º, Gaturamo.

Typ. da rua da Alfandega n. 185.